

O ITAMARATI E A AERONÁUTICA

NÓS, de Cachoeiro de Itapemirim, temos injusta fama de bairristas, mas o Chico Imperial (irmão dêsse falso bandido musical — o Carlos) exagera um pouco ao falar com uma certa superioridade do Roberto Carlos: «êlé é do outro lado do rio, lá do coronel Borges, e nós fomos criados ali na rua 25 de março...»

Ele escreveu isso em nome de um dos curiós que tomou parte no «III Festival de Canto de Bicudos e Curiós», que o Departamento de Turismo de Brasília realizou no dia 19; pretênde o Chico que o seu curió canta melhor que o Roberto Carlos. O fato é que lá fui a Brasília conferir, juntamente com Stanislaw Ponte Preta e Paulo Mendes Campos; aproveitamos a onda para autografar, no Hotel Nacional, o «Febeapá 2», ou «2º Festival de Besteira que Assola o País», do primeiro, e o meu nôvo livro de crônicas, «A Traição das Elegantes».

Desde 1961 eu não ia a Brasília, e confesso que tive uma bela surpresa. Nessa rapidíssima estada algumas coisas me encantaram: o próprio hotel, agora quase completamente terminado; o fantástico lençol verde da grama que hoje reveste os grandes espaços, e as árvores plantadas; a elegante Torre da Televisão, em que Lúcio Costa conjugou da maneira mais feliz, em seu desenho, o cimento e o aço; e, sobretudo, o nôvo Itamarati, o Palácio dos Arcos.

Não conheço nada melhor de Oscar Niemeyer, nesse palácio a sua audácia monumentalista amadureceu em nobreza clássica; é, sem dúvida, um dos mais belos palácios do mundo. Quem o defronta e caminha para êle não o faz sem emoção, como vivendo um instante de beleza musical; e essa emoção se renova em muitos momentos de surpresa e encanto ao cruzar os espaços que se desdobram sôbre a paisagem, em uma grande e pura sinfonia.

Construído sem a pressa dos primeiros edifícios de Brasília, o Itamarati vai tendo um acabamento primoroso e uma decoração soberba, com o lago e os jardins de Burle Marx, a escultura de Bruno Giorgi e Ceschiatti, as modulações de Athos Bulcão, os quadros de alguns de nossos melhores pintores, bons móveis modernos combinando com nobres peças de mobiliário antigo; a diligência e o bom gosto do baixador Murtinho há de deixar seu nome ligado para sempre a êsse Palácio. Foi graças à extrema gentileza do diplomata Moacir Martins Ferreira que pudemos percorrer o edifício; enquanto êle dava uma explicação sôbre as singularidades do clima de Brasília, que não permitem a utilização do jacarandá e outras madeiras nobres, eu deixava meus olhos contemplar, além da claridade suave de um salão, a paisagem ensolarada e ampla de Brasília com seus edifícios espalhados no imenso horizonte — e então me deu uma pena dessas autoridades caólicas da Aeronáutica que repudiam um projeto do autor dêsse soberbo palácio e insistem em construir um projeto mediocre e banal de algum engenheiro militar.

Não, não acredito que a teimosia quadrada e provinciana dessas autoridades represente o espírito de nossa Aeronáutica. Nessa jovem cavalaria do ar, para usar uma bela expressão de Kipling, a mediocridade é um crime, a tolice é um suicídio, o preconceito é uma derrota, a ousadia é uma rotina, a grandeza de espírito é uma necessidade. Recusar um projeto porque seu autor é, ou foi, ou pensa que é ou que foi comunista, isso me parece dramaticamente, tragicamente mesquinho. Se a oficialidade da Aeronáutica visitasse o Palácio dos Arcos ela se voltaria contra a caturrice ridícula dessas autoridades que comprometem a dignidade espiritual da corporação.

PN 22. 11. 67

397